

A REPRESENTAÇÃO DO IDOSO EM POEMAS PARA CRIANÇAS

Jéssica Amanda de Souza Silva
(Universidade Federal de Campina Grande)
Orientador: José Hélder Pinheiro Alves
(Universidade Federal de Camina Grande)

1. Considerações iniciais

Apesar de a Poesia não se propor a uma ação didatizadora, ela acaba por apresentar situações, decisões e ações, que podem orientar o seu leitor diante dos impasses da vida e influenciar as suas escolhas, assumindo um papel importante na vida de quem pratica a sua leitura. Os poemas voltados à criança assumirão um papel ainda mais importante, pois, é durante a infância que a personalidade, o caráter e as características que fazem do infante um ser singular no mundo se desenvolvem. Portanto, os poemas a serem apresentados à criança devem ter qualidade literária que contribua para a aquisição de novos valores, ideias e opiniões.

Nesse sentido, dentre os diversificados temas apresentados à criança através da Poesia Infantil, o que nos instiga é o envelhecimento humano. Primeiramente porque a sociedade vivencia um acelerado aumento da população idosa no Brasil e no mundo e, depois, porque, diante desse envelhecimento da sociedade, há a preocupação quanto à sensibilização das pessoas para com o respeito, o cuidado e a atenção que demandam os idosos. E, ainda, porque são escassos os estudos críticos sobre essa temática na Literatura Infantil.

A forma pela qual o idoso é apresentado ao infante, seja através dos ensinamentos da família, seja através da literatura, pode contribuir para a humanização da criança e a boa convivência intergeracional. Dito isto, analisamos a representação do idoso em poemas infantis de autores modernos e contemporâneos, observando as características físicas e o perfil do idoso representado nesses poemas; identificando o tipo de relação intergeracional existente entre o idoso e a criança; e investigando se os poemas infantis sugerem à criança o respeito e o cuidado com os idosos.

2. Poesia para crianças

A criança passou, há pouco tempo, a ser concebida não mais como um ser infantilizado, inerte, ou incapaz, mas como um “futuro adulto”, atuante na sociedade. É isso que aponta Castro (2007, s.n.p.), em seu artigo intitulado “Noção de criança e infância”:

Os estudos contemporâneos [...] trazem como tese principal o fato de que as crianças participam coletivamente na sociedade e são dela sujeitos ativos e não meramente passivos. Ou seja, trazem uma proposta de estudar a infância por si própria, rompendo com o adultocentrismo, entendendo a criança como um ser social e histórico, produtora de cultura.

Isto é, nos dias atuais, percebemos a criança que, embora esteja em um processo de amadurecimento, construção e identificação do próprio “eu” e do mundo em que vive, embora mais frágil e mais carente de cuidado e proteção que o adulto, deve ser tratada como um ser ativo e capaz.

As experiências de vida enquanto criança, incluindo a literária, podem influenciar certas escolhas e ações, durante o seu amadurecimento e quando pessoa adulta, e conseqüentemente ajudar na formação da sua identidade enquanto ser-humano e ser-social. É com essa concepção da criança que a literatura contemporânea e a Poesia Infantil produzem textos para os infantes, levando em consideração que:

O universo da infância é (...) uma esfera separada da vida adulta, que a constitui, mas tem sua própria especificidade, e a poesia que a ele é endereçada deixa transparecer essa diferença (BORDINI, 2003, p. 69)

As palavras de Bordini nos fazem concluir que escrever ao público infantil pressupõe que “[...] é necessário antes conhecer a criança em suas características de desenvolvimento e pensamento, distinguindo os interesses dos adultos dos interesses infantis” (ROSA, 2009, p.26). Logo, entendemos que o poema dirigido à criança requer, por parte de quem versa, o (re)conhecimento da natureza da atmosfera infantil, então esse mesmo texto, produto de suas idéias, trará peculiaridades que o tornam adequado à leitura do infante, o que é atestado nas palavras de Valente (2010, p. 103):

No caso da poesia voltada ao público infantil, a tradição da lírica vem ao encontro das especificidades do termo “infantil”, o que implica acrescentar ao vasto universo da poesia elementos peculiares ao público por ela focados.

A recorrência a especificidades - tais como: eu-lírico acriançado, linguagem simples e acessível à criança; estrofes e versos curtos; jogos de palavras, rimas, ritmo, som e

musicalidade; ludicidade, humor e riso; imagens e fantasia; surpresas; animismo e jogos dramáticos; etc., - além de respeitar os limites e o universo do infante, como concordam os críticos da Poesia Infantil, Bordini (2003), Aguiar (2001), Silva (2010) e Pinheiro (2007), acaba por divertir, encantar e humanizar o leitor à medida que o apresenta a situações/ações/realidades que ainda não foram vividas por ele, dando-lhe a oportunidade de habitar mundos diferentes e experimentar novas situações.

3. A representação do idoso em poemas para crianças: alguns exemplos

Quem nunca leu ao menos uma história infantil em que o personagem vilão é descrito como alguém de aparência velha e feia e cujas ações são más? Quem nunca leu a historinha de *Joãozinho e Maria*, clássico da literatura infantil, no qual uma velhinha feia e má rapta criancinhas, para comê-las no jantar? Quem nunca leu *Cinderela* ou *Branca de Neve*, em que madrastas velhas e feias invejam a beleza e a felicidade alheias? Esse tipo de literatura, publicado há séculos, quando não adaptado à leitura das crianças menores, pode acabar por promover nas crianças o medo¹, o preconceito, o descaso, o desrespeito e o desamor para com as pessoas idosas.

Quando foram publicados, entre os séculos XVII e XVIII, a divulgação desses clássicos para o público infantil se justificava em razão de a sociedade não compreender ainda o universo infantil e conceber a criança apenas como um “adulto em miniatura”. Hoje, ao estarmos cientes de tais particularidades, é inaceitável a propagação de literaturas que desconsiderem a fragilidade do universo infantil.

Quando adaptadas responsabilmente, tendo-se o cuidado para não infantilizar ou didatizar os textos, os clássicos sofrem algumas alterações no tratamento dos temas, em seu enredo, na caracterização dos personagens, nas falas etc., a fim de se adequarem às exigências do público a que se destinam. Entretanto, ainda é comum que as crianças tenham acesso, hoje, especialmente na internet, a livros infantis sem qualidade literária, histórias e poemas que desconsideram essa nova concepção da natureza da criança e, por isso, suscitam o medo, o preconceito e o desrespeito, sobretudo para com as pessoas idosas.

A caracterização física de personagens, nesse tipo de literatura, não é feita de forma aleatória pelo seu autor/poeta, muito pelo contrário, é sempre representativa da índole e dos

¹O medo pode ser compreendido um sentimento positivo, à medida que, sentido pela criança, a resguarda de certos perigos. Porém, a nosso ver, o medo, quando advindo do preconceito, pode causar o efeito contrário: impossibilitar sua humanização.

sentimentos que tais personagens guardam em seu interior. Isto é, no caso das histórias como as que citamos anteriormente, se é verdade que a aparência de determinado personagem é velha ou feia, seu caráter, sentimentos, intenções e ações nos versos de um poema também serão velhos e feios. Desse modo, ao ler literaturas que fazem dessa premissa uma verdade, a criança pode acabar assimilando a assertiva de que o que é (ou quem é) velho não merece atenção, pois será sempre feio, mau e perigoso.

Por essa razão, esse tipo de literatura acaba por contrariar o próprio caráter humanizador que a literatura pode oferecer ao seu leitor, mediante a experiência literária, na medida em que dissemina, entre as crianças leitoras, o medo, o preconceito, o descaso, o desrespeito e o desamor para com a terceira idade. Mas, por outro lado, é certo que, nos dias atuais, não queremos promover uma poesia moralizante, pois esse tipo de texto didatizador – diretivo e proibitivo – tende a entediar a criança (ABROMOVICH, 1997) e até emburrecê-la, quando cai no moralismo que sobrepõe valores à qualidade estética do texto (PINHEIRO, 2007).

Acreditamos que a literatura infantil pode apresentar caminhos que busquem orientar o seu leitor diante dos impasses da vida de forma saudável, contribuindo para o seu amadurecimento enquanto ser-humano e ser-social. Assim deve acontecer também para os poemas que tocam de alguma maneira na questão do envelhecimento. Preconceito, desrespeito, e descaso com relação ao outro definitivamente não são atitudes que, estimuladas, contribuam para o referido amadurecimento e, assim sendo, não devem ser sugeridas ao infante através da Poesia Infantil.

E então nos questionamos: como deve ser a representação do idoso em poesia para crianças? Deve-se esconder as condições físicas – a pele flácida, as rugas, os cabelos brancos – bem como as más condições de saúde – esquecimento ou lentidão – que comumente acometem o idoso? Obviamente, a nossa resposta é negativa. Esperamos que o poeta verse para a criança sobre o idoso e as suas características tal qual o são, com sensibilidade literária e bom senso: nem se deve “esconder o jogo” em torno da realidade que circunda a velhice e nem traumatizar a criança, fazendo-a sofrer diante de questões que envolvem essa realidade. A nossa experiência com a Poesia Infantil nos fez atentar para algumas características recorrentes que tornam o poema que versa sobre o envelhecimento adequado à criança.

O processo de envelhecimento é comum a todas as gentes e deve ser encarado com respeito e tranquilidade pelas pessoas e também pelos poemas infantis que versam sobre o assunto. A primeira das características que fazem com que o poema seja adequado à criança é o respeito por parte do eu-lírico com relação à “natureza” da terceira idade. Ele discorre sobre

uma velhice que não é desrespeitada em seus versos, que não amedronta, que é natural para todos.

Dessa primeira característica decorre a segunda: a descrição física e a descrição do perfil do idoso, abarcadas por esses poemas, também serão respeitadas, assim como as figuras envolvidas nas relações intergeracionais² também se respeitarão entre si, tratando uns aos outros com carinho, como é o caso das estrofes do poema infantil *Os óculos da vovó*, de Dom Marcos Barbosa³:

— Como acabar meu tricô,
como assistir a novela,
se esses óculos benditos
me somem sem mais aquela?

Vovó, procurando os óculos,
vai do quarto para a sala
e de novo volta ao quarto,
sem ninguém para ajudá-la.

E até parece que os netos
estão a se divertir,
pois mesmo seu predileto
faz força para não rir.

Deve saber onde estão,
porque lhe diz o malvado:
— Já está ficando quente
seu chicotinho queimado!

E o diz quando está no quarto
ou à sala torna a voltar.
— Mas como pode uma coisa
em dois lugares estar?

Em sinal de desespero
leva então as mãos à testa:
ali estão os seus óculos
e tudo vira uma festa

Neste poema infantil, o poeta retrata, de forma divertida, uma situação recorrente às pessoas idosas: o esquecimento. Os pequenos lapsos de memória se acentuam na velhice,

²Entendemos por **relações intergeracionais** os vínculos que se estabelecem entre duas ou mais pessoas de idades distintas e em diferentes estádios de desenvolvimento, possibilitando um cruzamento de experiências que enriquece a relação e motiva a continuidade da mesma.

³Dom Marcos Barbosa, nasceu em Minas Gerais, em 12 de setembro de 1915, foi um monge beneditino brasileiro e padre católico, escritor, poeta e membro da Academia Brasileira de Letras. Escreveu diversos textos para o público infantil e traduziu obras como *O Pequeno Príncipe*, *O Menino do Dedo Verde* e *Marcelino Pão e Vinho*, também para o mesmo público.

sendo comum aos idosos não lembrar o que comeram no café da manhã, se já tomaram ou não o seu remédio ou onde colocaram determinado objeto etc.

A voz poética que inicia a primeira estrofe é a voz da avó, que se pergunta como fazer atividades diárias se seus óculos sumiram. As atividades citadas pela velhinha são ações comuns e de interesse dessa geração (terceira idade). Entende-se, portanto, que o poeta reconhece essas atividades como típicas na velhice. A partir da segunda estrofe, surge um eu-lírico que é apenas observador da situação e que revela o espírito infantil dos netos da vovó do poema: a senhora procura os óculos, os netos riem e não a ajudam.

Ao afirmar que (...) *parece que os netos/estão a se divertir,/pois mesmo seu predileto/faz força para não rir*, o eu-lírico provoca a imaginação do leitor: por que será que o neto predileto deseja rir de uma situação tão comum à velhinha? E, na estrofe seguinte, apresenta uma pista: o neto quer rir porque *deve saber onde estão* os óculos. As ações seguintes demonstram que os netos brincam com a avó da brincadeira “*quente ou frio*”. Assim, os netos se aproveitam da “falha” da memória da avó para divertirem-se e também para diverti-la. O esquecimento é interpretado pelos netos (e pelas crianças leitoras) como uma característica comum às pessoas daquela idade. E, mais que isso, como motivo para a diversão.

Mais uma vez, a poesia, ao mesmo tempo em que diverte e encanta, humaniza a criança, pois o poeta evidencia que o esquecimento é um “problema” é natural aos idosos. Outra característica que confirma a adequação do poema à leitura da criança é que o poeta se “acriancia”, tecendo versos sob a perspectiva infantil, versando sobre temas mais tensos de forma inocente e instigadora e, conseqüentemente, respeitando os limites da criança. No poema *Onde será que ela está?* no qual uma criança se questiona acerca da morte da avó, o poeta Ricardo Azevedo⁴ se apropria muito bem desse mecanismo:

Vovó não está aqui
Ficou doente e foi embora
Às vezes fico pensando
Onde será que ela está
Quando pergunto, me dizem:
— Sua avó está no céu
Gente boa quando morre
Vai diretinho pra lá.

⁴Ricardo José Duff Azevedo, nascido em São Paulo em 1949, é mestre em Letras e doutor em Teoria Literária pela Universidade de São Paulo. É também escritor, poeta, ilustrador e pesquisador brasileiro. Já publicou mais de cem livros infantis. Seus livros já receberam cinco prêmios Jabuti e um prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA).

Por isso quando me lembro
Do jeito que ela falava
Do jeito que ela sorria
E me pegava no colo
Vou correndo pra janela
Fico olhando lá pra cima
Procurando pelas nuvens
Perguntando pras estrelas
— **Será que a vovó tá boa?**
— **Será que a vovó tá bem?**
— **Como será que ela está?**
(Grifos nossos)

Este poema não traz ao público-leitor infantil a ludicidade tão presente em poemas para crianças em razão de versar sobre um tema tenso e triste – a morte – que quando levado à criança requer, por parte do poeta, um tratamento diferenciado do que se tem em poemas lúdicos. A morte é um acontecimento que independe da vontade de cada ser; inevitável, involuntária e irreversível, amedronta os homens e sucede à velhice, demarcando o fim da vida. Como dizer então à criança que vovô e vovó “irão pro céu”? Que mamãe e papai dirão “adeus” um dia e que ela mesma não viverá pra sempre e que ela nunca mais verá quem já “se foi”? Quando essa conversa acontece através da Poesia Infantil, concordamos que os poemas não podem abordar essa questão de forma dolorosa e traumática.

Assim, compreendemos que a morte deve ser apresentada ao infante como um processo natural da vida, para que ele não se traumatize diante dessa realidade, durante e após a leitura. Espera-se que o tratamento desse tema em poemas infantis acalente a criança diante da morte de alguém querido e, ou prepare-a para esse provável acontecimento, permitindo que ela experimente, através da sua identificação com o eu-lírico, da melhor forma possível, uma situação ainda não vivenciada:

A aproximação com o tema da morte [...] permite que as crianças possam compreender situações semelhantes pelas quais já tenham passado ou venham encontrar pela frente em sua existência. Assim, o sofrer imaginariamente é uma forma de aprendizagem para os leitores [...].
(MARTHA & ESTEVES, 2010, p.146-147)

No poema *Onde será que ela está?* é incontestável que esse diálogo sobre o tema da morte acontece de uma forma delicada, sutil, inocente até, como vemos nos seguintes versos: *Às vezes fico pensando/ Onde será que ela está/ Quando pergunto, me dizem:— Sua avó está no céu.* O poeta mergulha no universo infantil, coloca-se no lugar da criança (eu-lírico) e revela-se como um semelhante da criança leitora, possuindo, como ela, as mesmas dúvidas e

incertezas diante do assunto tratado. Segundo Silva (2010), tal faceta é indispensável ao poeta que versa para a criança, sendo, pois, imprescindível que o poeta se “acriancie” e, deliberadamente, cultive o olhar infantil, cheio de emoção. Acriançando-se, o poeta evita que a inocência da criança seja usurpada, respeita o seu tempo na descoberta da vida, evitando também que ela se traumatize frente a questões tensas e, por conseguinte, rejeite outras leituras.

A saudade, sentimento claramente percebido no poema, faz com que o eu-lírico recolha memórias (cenas) acerca das situações que ele vivenciou com sua avó já falecida. Essas memórias dizem muito sobre a relação familiar e intergeracional construída, visto que repletas de encanto, carinho e saudade, indicam um diálogo saudável entre as gerações, percebido nos seguintes versos: *Por isso quando me lembro/ Do jeito que ela falava/ Do jeito que ela sorria/ E me pegava no colo.*

Primeiramente cabe dizer que, se há saudade, implica afirmar também que a convivência entre avó e criança era amigável, pois a criança sente saudades de quando a avó conversava, sorria e a pegava no colo. Além disso, durante todo o poema percebe-se uma angústia por parte do infante com relação à transitoriedade da vida e à incerteza do que acontece após a “passagem”: a dúvida sobre o estado de saúde e o lugar no qual a avó se encontra atormenta a criança, fazendo com que ela a procure no céu (onde os adultos, para acalantar a criança, dizem que a vovó está). Os últimos versos comprovam a dúvida e a angústia sentidas: *Fico olhando lá pra cima/ Procurando pelas nuvens/ Perguntando pras estrelas/ — Será que a vovó taboa?/ — Será que a vovó ta bem?/ — Como será que ela está?*

Chamamos atenção, ainda, para a opção do poeta por não explicitar o sexo da criança que fala, o que faz com que qualquer criança possa se reconhecer no eu-lírico e então vivenciar a situação imposta. Vivenciando a experiência da dor da perda da avó, através da leitura desses versos, a criança leitora que já perdeu os avós achará um semelhante, o eu-lírico, com quem poderá dividir a sua dor e aquela que ainda tem os avós, provavelmente, passará a valorizar mais o seu idoso(a). Já a criança que não conviveu com os seus avós saberá a importância do idoso para os seus netos e também que ele merece um cuidado especial. O poema atinge, destarte, o papel humanizador que mencionamos anteriormente. Ele influencia a criança e, diante da realidade, a estimula a ter um olhar mais cuidadoso com as pessoas idosas.

Outro poema que traz em seus versos o tema da saudade é *A casa do meu avô*, também de Ricardo Azevedo. No poema, o eu-lírico, um menino que acreditamos ter em torno de dez

anos de idade, demonstra uma saudade enorme do agradável ambiente que o acolhe: a casa de seu avô. Observemos os versos:

Vou tomar um trem agora
Vou pegar o avião
Vou de ônibus, de carro
De barco, vou de charrete
De lambreta, motoneta
Patinete, bicicleta
Se precisar vou a pé
Pra casa do meu avô

Na casa do meu avô
Além do jardim florido
Plantado pelo seu Júlio
Além de ter um cachorro
Dengoso mas furioso
Das conversas lá no quarto
Do tio Nená que é tantã
Do piano da vovó

Tocando misterioso
De tantos livros bonitos
Da comida da Geralda...
Na casa do meu avô
Ou melhor, na casa ao lado
Mora uma certa pessoa
Que se chama Isildinha.

Ah como é boa essa vida
Na casa do meu avô!
Bem melhor que sorvete
Mais gostosa que bombom

Que refresco, chocolate
Bolo, bala, caramelo.
Ah como é doce essa vida
Na casa do meu avô!

Na primeira estrofe, o termo “vou” e a preposição “de” são repetidos diversas vezes a fim de enfatizar a vontade de voltar à casa do avô; esta vontade é tão grande que faz com que o eu-lírico imagine diversos meios de transporte que poderiam levá-lo até lá (carro, ônibus, charrete, avião etc). Essa menção a vários transportes dá asas à imaginação do leitor que, juntamente com o eu-lírico, viaja de diversas maneiras até a casa do avô do menino. O poema pode ganhar o leitor já na primeira estrofe, por fazê-lo viver, através de imagens tão reais, essa saudade que o eu-lírico sente, aguçando a fantasia. Conclui-se que a casa do avô se localiza um pouco longe da casa do neto, mas afirma o eu lírico ao final da primeira estrofe:

Se precisar vou a pé/ Pra casa do meu avô, tamanho é o desejo de estar nesse ambiente. O lugar é tão agradável, que qualquer esforço para estar lá é válido.

A partir da segunda estrofe, a saudade e o desejo de estar naquele ambiente serão explicados através de descrições do lugar. E, mais que simplesmente descrever o ambiente físico, o eu-lírico descreve como é a vida, além dos objetos, das conversas, do animal de estimação, das pessoas e da sensação de estar ali. A voz poética se utiliza de termos repetidos e imagens, que se caracterizam como memórias do menino, vivas e coloridas e garantem a imaginação do leitor-mirim, que muito facilmente as lê e as vive, compartilhando cada uma delas com o eu-lírico.

Segundo Silva (2010), as imagens poéticas no poema infantil são importantes ao trazerem a representação da palavra na imaginação de quem lê. São palavras que se concretizam em cores, formas e volumes, despertando significações e provocando reações emocionais. Deste modo, a imagem poética garante veracidade ao que se lê e estimula a imaginação e a fantasia. Na apreciação das imagens poéticas trazidas pelo poema infantil lê-se, segundo Silva, Costa & Macêdo (2012, s. n. p.), “[...] o dito e o não dito”, as cores, os gestos, os movimentos e sentimentos; leem-se sons e cheiros, enfim, “Brinca-se. Aprende-se. Vive-se”.

Tais imagens são postas ao leitor infantil a partir do estímulo dos sentidos. Temos o estímulo da visão em *Na casa do meu avô/ Além do jardim florido*; da audição em *Do piano da vovó Tocando misterioso*; e do paladar em *Da comida da Geralda...*, fazendo com que o poema se torne real à criança. Nas duas últimas estrofes, o eu-lírico utiliza novamente um dos sentidos para convencer a criança leitora da boa vida que se tem na casa do avô: o paladar, afirmando: *Ah como é doce essa vida/ Na casa do meu avô*.

O paladar é um dos sentidos mais aguçados e que mais interessam à criança. As crianças leitoras, público ao qual o poema é endereçado, estão na fase de apreciação das balas e doces. É por isso que o poeta menciona tantas guloseimas nos últimos versos, para atrair o leitor. O uso desse sentido em seu poema supõe, portanto, que o poeta conhece o universo da criança.

Por fim, cabe ressaltar que, embora o avô não apareça declaradamente como uma saudade na memória do eu-lírico, acreditamos que essa saudade e as memórias coletadas do ambiente no qual vive o velhinho são, na realidade, uma representação da boa convivência intergeracional, das relações interpessoais e da vida naquele lugar. Apesar do eu-lírico não tocar diretamente na figura do avô, ele o referencia por diversas vezes na sentença “casa do meu avô”. Torna-se claro, portanto, que a relação estabelecida entre neto e avô são relações

saudáveis, nas quais o menino respeita não só o avô idoso, mas também as pessoas mais velhas.

Outra faceta por nós percebida é que a fantasia e o riso adquirem ainda mais significância quando atreladas ao poema que versa sobre o envelhecimento humano, pois, por ser o tema um assunto diversas vezes triste - marcado pela “debilidade” e pelo abandono – tais características, quando utilizadas pelo poeta, suavizam a tensão, como é o caso do poema *A língua de Nhem*, de Cecília Meireles⁵, no qual a língua criada pela idosa provoca o riso e estimula a fantasia do infante. Esses aspectos – riso e fantasia – são os ingredientes certos para fazer com que a criança não super-dimensione a dor da solidão sentida pela velhinha:

Havia uma velhinha
que andava aborrecida
pois dava a sua vida
para falar com alguém.

E estava sempre em casa
a boa velhinha
resmungando sozinha:
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

O gato que dormia
no canto da cozinha
escutando a velhinha,
principiou também

a miar nessa língua
e se ela resmungava,
o gatinho a acompanhava:
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

Depois veio o cachorro
da casa da vizinha,
pato, cabra e galinha
de cá, de lá, de além,

e todos aprenderam
a falar noite e dia
naquela melodia
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

⁵Cecília Benevides de Carvalho Meireles nasceu no Rio de Janeiro, no dia 7 de novembro de 1901 e faleceu em 9 de novembro de 1964. Foi poetisa, pintora, professora e jornalista brasileira e é considerada uma das vozes líricas mais importantes da literatura, tendo recebido, da Academia Brasileira de Letras, o prêmio Machado de Assis pelo conjunto de sua obra. Seus textos infantis são largamente reconhecidos pela crítica e pelo público.

De modo que a velhinha
que muito padecia
por não ter companhia
nem falar com ninguém,

ficou toda contente,
pois mal a boca abria
tudo lhe respondia:
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

Cecília cria, a partir da observação de uma situação real do cotidiano, um novo mundo fantasioso que é projetado pelo seu eu-lírico, totalmente possível no imaginário infantil, onde os animais são capazes de se comunicar com os seres humanos. No caso do poema em questão, os animais, por meio de uma nova língua – a língua de Nhem– se comunicam com a velhinha ao repetir o seu resmungado. A língua de Nhem aparece no poema como a solução para o sentimento de solidão que a invadia e como uma fuga da realidade de isolamento que se instaurava em sua vida, pois, através desse novo modo de falar, *o gato que dormia no canto da cozinha [...]/ [...] o cachorro da casa da vizinha/ pato, cabra e galinha* passam a lhe fazer companhia, de maneira que a velhinha muda o seu humor de *aborrecida* para *contente*.

Durante a leitura, a surpresa diante da invenção da nova língua, que acontece num “passe de mágica”, atrelada à musicalidade garantida pelas rimas e pela repetição (quase que cantada) do resmungar da velhinha, leva o leitor, sobretudo o infantil, ao riso, à fantasia e ao encantamento. Esses recursos, peculiares da Poesia Infantil – fantasia, musicalidade e ludicidade – muito bem apropriados por Cecília Meireles, amenizam a tensão da temática trazida e divertem o leitor ao mesmo tempo em que não subestimam a “lição” instaurada no poema.

Como já dito, não cabe à Poesia Infantil o papel de ensinar à criança modos de ação. Contudo, ela sugere caminhos para que as ações da criança sejam as melhores possíveis após a experiência literária. No caso do poema em análise, essa assertiva torna-se clara: o poema, que não possui viés moralizante, estimula o olhar da criança para o tema da solidão, sugerindo que esse sentimento provoca a tristeza e o aborrecimento, sobretudo quando sentido na terceira idade. Assim, assuntos tensos podem ser dialogados com a criança leitora. Porém, recomendamos que o tratamento dado a tais assuntos deva respeitar a natureza e os limites do universo infantil.

Por fim, lembramos que, no caso de poemas infantis que toquem na questão do envelhecimento humano, as peculiaridades da poesia infantil são a chave para a humanização das pessoas frente ao tema versado e, por esta razão, podem e devem ser levados à criança.

4. Considerações finais

O acirrado envelhecimento da população brasileira decorre principalmente dos processos de desenvolvimento e de industrialização da sociedade. Porém, este processo, aliado à lógica capitalista, fomenta o preconceito e a exclusão do idoso.

Para que haja uma sensibilização social em torno da questão e das demandas do idoso é preciso focalizar e modificar inicialmente a concepção e a representação da pessoa idosa no seio familiar e, também, a representação de idoso que é levada à criança. Reconhecendo a literatura e, sobretudo, a Poesia Infantil em seu caráter humanizador e enquanto meio de se apresentar o velho à criança, entendemos que, a representação do idoso no poema infantil pode contribuir para ações e posturas valorativas desse grupo etário.

Nos poemas infantis, assertivas que sugeriram que o que é (ou quem é) velho não merece atenção, pois será sempre feio, mau e perigoso, acabam por contrariar o próprio caráter humanizador – que a literatura pode oferecer mediante a experiência literária – na medida em que disseminam, entre as crianças leitoras, o preconceito, o medo, o descaso, o desrespeito e a desatenção para com a terceira idade.

A pesquisa supra-apresentada analisou o modo pelo qual o idoso é apresentado à criança por meio de poemas infantis, os quais apresentam uma imagem dignificante do idoso. Este é descrito na maioria das vezes como realmente o é (sem amenizações): pessoa de aparência envelhecida; que, por vezes amorosa, vezes zangada, vezes solitária e vezes divertida, deixa saudades em quem convive com ela; e cujas relações, geralmente entre avô(ó) e neto(a), são bastante respeitadas; etc.

Percebemos que há, nos poemas analisados, uma tendência positiva a retratar o idoso de forma lúdica e/ou saudosa e/ou encantada, o que pode divertir, sensibilizar e/ou estimular a imaginação da criança leitora e, também, contribuir para que elas desenvolvam posturas e ações valorativas para com a pessoa idosa. Identificamos ainda a recorrência de alguns aspectos imprescindíveis à sensibilização da criança diante da questão do idoso: o poeta deve (re)conhecer a natureza do universo infantil e do universo do velho ao versar para a criança; deve aceitar e respeitar a terceira idade, bem como seu modo de ser; e deve representar física e psicologicamente o idoso, assim como as relações pessoais e intergeracionais, de forma respeitosa.

Além disso, percebemos também a recorrência de duas facetas que contribuem para a sensibilização da criança diante da questão do idoso: a utilização de um eu-lírico “acriançado” e peculiaridades, como a fantasia e o riso, as quais podem evitar que a criança se choque

diante de questões e temas tensos relacionados à terceira idade, como a doença e a morte, respeitando o universo infantil, sem incorrer na sua infantilização.

Embora tenhamos um *corpus* de pesquisa que não é passível de ser generalizado para o universo total dos poemas infantis, nossa análise revela o predomínio de uma representação positiva e dignificante do idoso, sugerindo indícios de um potencial deste gênero literário para a sensibilização dos infantes quanto à questão do envelhecimento.

Assim, ainda que isto se configure como um horizonte distante das tendências que se apresentam na realidade, como profissionais que atuam no espaço da formação acadêmica, escolar e da cidadania, cabe aos escritores, aos professores e também à família fomentar a expectativa de que a poesia infantil possa contribuir para a concretização dos direitos dos idosos no Brasil (e no mundo), criando uma cultura de valorização, respeito e assistência ao idoso, capaz de assegurar-lhe todas as oportunidades para a “preservação de sua saúde física e mental, seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade” (BRASIL, 2003, p. 09), tal como propõe o marco legal de proteção social a este segmento de atenção.

5. Referências

ABRAMOVICH, F. *Literatura Infantil. Gostosuras e bobices*. São Paulo: Editora Scipione, 1997.

AGUIAR, V. T. de (Coord.). *Era uma vez... Na escola. Formando educadores para formar leitores*. Belo Horizonte: Formato editorial, 2001.

AZEVEDO, Ricardo. *Onde será que ela está?*. In: AZEVEDO, Ricardo. *A casa do meu avô*. São Paulo: Ática, 1998.

_____. *A casa do meu avô*. In: AZEVEDO, Ricardo. *A casa do meu avô*. São Paulo: Ática, 1988.

BARBOSA, Dom Marcos. *Os óculos da vovó*. In: BARBOSA, Dom Marcos *Poemas Para Crianças e Alguns Adultos*, 1994.

MEIRELES, Cecília. *A língua de Nhem*. In: MEIRELES, Cecília. *Ou isto ou aquilo*. 5.ed. São Paulo: Nova Fronteira, 2003.

BORDINI, M da G. A poesia e seus usos na Infância. In: BARBOSA, Márcia Helena Saldanha; BECKER, Paulo. *Questões de Literatura*. Passo Fundo: UPF, 2003.

CASTRO, M. G. B. de. Noção de criança e infância: diálogos, reflexões, interlocuções. In: *Anais do 16º Congresso de Leitura do Brasil*. Niterói/RJ: Universidade Federal Fluminense, 2007.

MARTHA, A. A. P.; ESTEVES, N. C. Literatura infantil e autoconhecimento: perdas e ganhos. In: ROSING, Tania M. K.; BULAMARQUE, F.V. *De casa e de fora, de antes e de agora: estudos de literatura infantil e juvenil*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2010. p. 137-157.

PINHEIRO, H. *Poesia na Sala de Aula*. (3ª ed. revista e ampliada). Campina Grande: Bagagem, 2007.

ROSA, M. F. V. O sentido da poesia na educação infantil: A função social e algumas possibilidades pedagógicas. [Trabalho de conclusão de curso]. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2009.

SILVA, J. A. de S.; MACÊDO, D. D. S. de.; COSTA, R. K. A. da. *Um poema puxa o outro: análises e propostas de trabalho para a sala de aula*. Anais Enlije (2012) - Volume 1, Número 1. Campina Grande-PB: Mestrado em Linguagem e Ensino - UFCG (Linha de Pesquisa Literatura e Ensino) e ATECEL, 2012.

SILVA, V. M. T.. Poesia para crianças. In: ROSING, T. M. K., BULAMARQUE, F. V. *De casa e de fora, de antes e de agora: estudos de literatura infantil e juvenil*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2010. p. 229-242.

VALENTE, T. A. *Gêneros poéticos na escola de hoje*. In: AGUIAR, V. T. de; CECCANTINI, J. L. *Poesia Infantil e Juvenil Brasileira, uma ciranda sem fim*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p.103-132.